

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rozana Nunes de Oliveira Rotava

A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DA INFÂNCIA

Passo Fundo

2017

Rozana Nunes de Oliveira Rotava

A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação do Dr. Luis Francisco Fianco Dias.

Passo Fundo

2017

Rozana Nunes de Oliveira Rotava

A fotografia como memória da infância

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, sob a orientação do Dr. Luis Francisco Fianco Dias.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador Dr. Luis Francisco Fianco Dias - UPF

Professora Disciplina Ms. Marilei Teresinha Dal Vesco - UPF

Professora Convidada Dra. Bibiana de Paula Friderichs – UPF

RESUMO

O objetivo deste trabalho busca investigar o valor significativo da fotografia como registro da infância, portanto, a pesquisa versa sobre a importância da fotografia enquanto memória. Para isso utilizamos autores que foram de suma importância para fundamentar as teorias abordadas com relação à fotografia e o real, suas realidades e fotografia como memória de uma infância livre. Com base em alguns artistas, que são pais e fotógrafos, que trazem a fotografia como registro da infância, utilizamos de autores indispensáveis, os artistas Irmina Walczak e Sávio Freire, Alain Laboile e Niki Boon. Concluímos junto às investigações dos autores seletos para a presente pesquisa, que a fotografia é capaz de produzir memórias de um passado, que se contêm diversas realidades representadas através da imagem fotográfica, imagens estas que expressam a liberdade da infância, assim como o olhar particular do fotógrafo.

Palavras chave: Fotografia. Fragmento. Infância. Liberdade. Memória.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate the significant value of photography as a childhood record, so the research deals with the importance of photography as memory. For this we use authors who were of great importance to base the theories dealt with in relation to photography and the real, their realities and photography as memory of a free childhood. Based on some artists, who are parents and photographers, who bring the photograph as a record of childhood, we use indispensable authors, artists Irmina Walczak and Sávio Freire, Alain Laboile and Niki Boon. We conclude together with the investigations of the selected authors for the present research, that photography is capable of producing memories of a past, containing several realities represented through the photographic image, images that expressed the freedom of childhood, as well as the particular photographer.

Keywords: Photography. Fragment. Childhood. Freedom. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 -	<i>Point de vue du Gras</i> primeira fotografia.....	08
Fotografia 2 -	<i>Retratos pra Yayá, 2016</i>	14
Fotografia 3 -	<i>Retratos pra Yayá, 2016</i>	15
Fotografia 4 -	<i>Retratos pra Yayá, 2016</i>	16
Fotografia 5 -	<i>Retratos pra Yayá, 2016</i>	17
Fotografia 6 -	<i>Retratos pra Yayá, 2016</i>	17
Fotografia 7 -	<i>Retratos pra Yayá, 2016</i>	18
Fotografia 8 -	<i>La Famille</i>	20
Fotografia 9 -	<i>La Famille</i>	21
Fotografia 10 -	<i>La Famille</i>	22
Fotografia 11 -	<i>La Famille</i>	23
Fotografia 12 -	<i>La Famille</i>	23
Fotografia 13 -	<i>Child in The Raw</i>	24
Fotografia 14 -	<i>Child in The Raw</i>	25
Fotografia 15 -	<i>Child in The Raw</i>	26
Fotografia 16 -	<i>Child in The Raw</i>	27
Fotografia 17 -	<i>Child in The Raw</i>	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	FALANDO DA FOTOGRAFIA.....	08
2.1	Breve história da fotografia.....	08
2.1.1	A fotografia e o real.....	10
2.1.2	A outra realidade da fotografia.....	11
2.1.3	Fotografia como memória.....	13
2.2	A liberdade da infância.....	15
2.2.1	<i>Alain Laboile – La Famille.....</i>	<i>19</i>
2.2.2	<i>Niki Boom – Child in The Raw.....</i>	<i>24</i>
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O interesse dessa pesquisa se justifica basicamente através de uma experiência pessoal, relacionada a registros e memória de uma infância livre. Esta pesquisa teve como objetivo, perceber a fotografia como memória da infância, imagens que expressam a liberdade, representando o universo infantil, e permitindo que o cotidiano, o dia a dia na infância possa se transformar em objeto-imagem. Para atingir tal objetivo, o presente estudo se divide em duas partes. Inicialmente o olhar de três teóricos, olhares por vezes diferentes, mas que, ao longo de suas linhas de raciocínio, se encontram para a compreensão das hipóteses que perpassaram a presente pesquisa, teóricos estes, como Boris Kossoy, André Rouillé e Phillipe Dubois, que abordam o contexto histórico do surgimento da fotografia, sua relação com o seu referente, bem como o real e as realidades da fotografia, que além de documento, também tem um caráter de recordação.

Ao fundamentarmos a liberdade da infância, os estudos do professor Cláudio Dalbosco da Universidade de Passo Fundo, em cima das teorias de Rousseau foram de grande relevância. E por último, se fez necessário o estudo dos trabalhos de fotógrafos artistas como Irmina Walczak e Sávio Freire, Alain Laboile e Niki Boon, foram objetos de investigação devido as suas fotografias serem um reflexo de uma infância livre de tecnologia. Por meio de suas lentes, exploram a pureza e a liberdade da infância através da fotografia, com a finalidade de abordar o registro para a memória da infância.

Esta pesquisa conduz um olhar voltado para imagens fotográficas que expressam a liberdade da criança, e traz uma nova estética e concepção a respeito do registro fotográfico da infância.

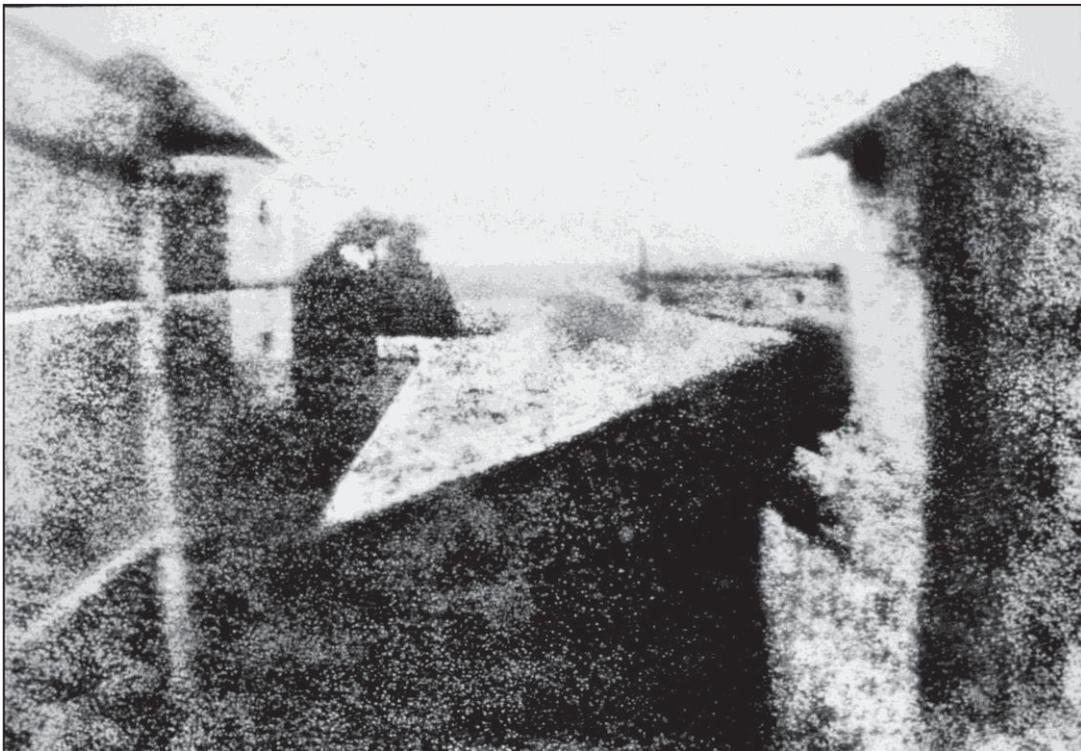
2 FALANDO DA FOTOGRAFIA

2.1 Breve história da fotografia

A fotografia como é conhecida nos dias atuais, passou por numerosos estudos e descobertas. Foi rodeada por todo um discurso a cerca de uma técnica capaz de fixar imagens do mundo numa superfície sensibilizada por meio de princípios físico-químicos.

A primeira fotografia foi feita em 1826 por Joseph Nicéphore Niépce, e mostra seu quintal em Chalon-sur-Saône na França (KUBRUSLY, 1998).

Fotografia 1 – *Point de vue du Gras* – primeira fotografia¹



Segundo o próprio Niépce, a imagem foi feita com uma exposição de oito horas. “O homem só não foi o primeiro tema da fotografia por razões técnicas: os primeiros materiais sensíveis a luz obrigavam a uma exposição na câmera obscura extremamente longa, o que só possibilitava fotografar objetos inanimados” (KUBRUSLY, 1998, p. 37).

¹ Fonte: Joseph Nicéphore Niépce. Disponível em: <https://www.photo-museum.org>. Acesso em: 13 de out de 2017.

O surgimento da fotografia, de acordo com os escritos de Kossoy (1989, p. 14), se deu em um contexto histórico que passava por grandes transformações de cunho industrial, social, econômico e cultural. Foi em meio a uma série de invenções que mudaram os rumos da história moderna que a fotografia nasceu, “[...] teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística” (KOSSOY, 1989, p. 14). Também podemos elencar as considerações de André Rouillé com relação ao contexto do surgimento da fotografia.

[...] a fotografia apareceu com a sociedade industrial, em estreita ligação com seus fenômenos mais emblemáticos – a expansão das metrópoles e da economia monetária, a industrialização, as modificações do espaço, do tempo e das comunicações (ROUILLÉ, 2009, p. 16).

A máquina fotográfica foi um exemplo desse quadro global. Composta por um processo mecânico, a fotografia possui características que se diferenciam da pintura e do desenho, meios que até então eram empregados como forma de representação do real na sociedade, contudo, a fotografia veio a ter um imenso papel “[...] produzir visibilidades adaptadas à nova época” (ROUILLÉ, 2009, p. 39).

Ainda segundo as considerações de Rouillé, a máquina passou a executar as funções que antes eram atribuídas às mãos e pincéis. Tratava-se de um mecanismo capaz de criar uma cena do mundo, uma imagem do que estava diante dos olhos. É, sobretudo, em função dessa mediação com o mundo visível através de uma máquina, que a fotografia se insere definitivamente na modernidade (ROUILLÉ, 2009). Kossoy em sua obra *Fotografia e História*, também segue neste mesmo sentido, ao afirmar que a fotografia e sua possibilidade de executar uma imagem com uma fidelidade além de qualquer técnica até então existente, passou a tomar lugar no universo de imagens. É nesse contexto que a fotografia começou a atender uma demanda crescente de imagens e de auto representação da burguesia em ascensão buscando uma forma de fabricar imagens de forma rápida e consideradas fiéis ao seu referente (KOSSOY, 1989). “A enorme aceitação que a fotografia teve, notadamente a partir da década de 1860, proporcionou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais” (KOSSOY, 1989, p. 15).

O crescimento cultural dos povos, manifestados através de sua cultura, acontecimentos sociais, religiosos e políticos, passou a ser pouco a pouco documentado pela câmera.

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica (KOSSOY, 1989, p. 15).

A fotografia transformaria de forma radical as relações de visualidade e, contribuiria decisivamente na formação de um novo imaginário estético de uma época.

2.1.1 A fotografia e o real

De acordo com Dubois, em seus escritos *O Ato Fotográfico*, o princípio da realidade fotográfica é próprio da relação da imagem com o seu referente. “Nela a necessidade de ‘ver para crer’ é satisfeita. A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”. (DUBOIS, 2006, p. 25) Seguindo neste pensamento, o autor Kossoy em seu livro *Realidades e ficções na trama fotográfica* também afirma que a fotografia atesta que o assunto fotografado de fato se fez presente naquele espaço-tempo, ou seja, como uma constatação de autenticidade da cena. “Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo” (KOSSOY, 2000, p. 33). A fotografia adquire dimensão de confirmação da existência daquilo que foi registrado e, neste mesmo sentido da fotografia como testemunho do real, retomamos Dubois, o qual observa que “[...] somos obrigados a acreditar na existência do objeto representado, ou seja, tornado presente no tempo e no espaço. A fotografia beneficia-se de uma transferência de realidade da coisa para sua reprodução” (DUBOIS, 2004, p. 35).

Para Kossoy, em sua obra anterior, *Fotografia e história*, apesar da fotografia carregar esse caráter do real, é preciso levarmos em consideração que existe a interferência do homem no processo de criação da imagem.

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos (KOSSOY, 1989, p. 22).

Seguindo neste sentido de que a fotografia é o registro de um fragmento a partir do real e que essa ação que finda a imagem fotográfica é resultado da produção humana. Kossoy, (2000, p. 27) salienta que: “O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de um somatório de seleções de diferentes

naturezas idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo [...]”. Tais seleções acontecem quase que simultaneamente, e essas interagem entre si, ocasionando, assim, o caráter da representação. Para a criação de uma fotografia, existe sempre uma motivação central e visível, a qual vem do desejo particular e expressivo de seu autor podendo ela ser pessoal ou profissional. Segundo Kossoy (1989), toda fotografia carrega consigo uma história, e faz refletir sobre sua trajetória passada ou pensar sobre os caminhos que, em dada circunstância, motivaram o fotógrafo responsável pela sua existência a findá-la, ou, ainda, de um terceiro que o incumbiu da função de registrar um determinado tema do real. “Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade registrado fotograficamente” (KOSSOY, 1989, p. 29).

Independente do assunto selecionado do real, Kossoy afirma que o fotógrafo também representará o que ele tem de visão de mundo. A imagem já materializada que partiu do momento em que o fotógrafo se viu motivado a registrar, tem um testemunho² duplo: “[...] por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor” (KOSSOY, 1989, p. 33).

2.1.2 A outra realidade da fotografia

Ao tratar do real no âmbito fotográfico, Kossoy (1989) observa que a fotografia possui uma realidade própria, que não se refere necessariamente à realidade que envolve o assunto. Para ele, a fotografia é constituída por duas realidades: a primeira realidade pertence ao contexto que envolve o assunto escolhido pelo fotógrafo e a segunda realidade trata da respectiva imagem fotográfica.

A partir do momento em que o processo se completa, a fotografia carregará em si aquele fragmento congelado da cena passada materializado iconograficamente. Se é possível recuperar a vida passada – primeira realidade – e se temos, através da fotografia, uma nova prova de sua existência, há na imagem uma nova realidade, passada, limitada, transposta (KOSSOY, 1989, p. 28).

Outro ponto a acrescentar em paralelo ao que foi evidenciado por Kossoy, é que o ato fotográfico, segundo Dubois, não provoca apenas o gesto de corte do real, mas também de um outro tempo. Dubois afirma que existem dois tempos, o ato de fotografar passa do momento

² “Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho” (KOSSOY, 1989, p. 33).

contínuo para um momento fragmentado, petrificado. O tempo da foto não pode ser confundido com o instante vivido; após criada, a imagem é parte do passado. Desta forma:

‘O tempo da foto não é o do tempo’. Em outras palavras, o fragmento de tempo isolado pelo gesto fotográfico, a partir do momento em que é capturado pelo dispositivo, tragado pelo buraco (pela caixa) negro(a), passa de uma só vez, definitivamente, para o ‘outro mundo’. E começa a jogar uma temporalidade contra a outra. Abandonando o tempo crônico, real evolutivo, o tempo que passa como um rio, nosso tempo de seres humanos inscritos na duração, para entrar numa temporalidade nova, separada e simbólica, a da foto [...] (DUBOIS, 2006, p. 168).

Além de Kossoy e Dubois, outro autor que também segue nesta mesma linha de pensamento é André Rouillé. Para ele é preciso que seja compreendido que: “A imagem fotográfica não é um corte, nem a captura, nem um registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário, ela é a produção de um novo real [...]” (ROUILLÉ, 2009, p. 77).

Dando continuidade a esses discursos, Kossoy (2000) aprofunda que a primeira realidade é o próprio passado, a história que envolve o assunto na dimensão da vida que passou, as ações e técnicas, as circunstâncias em que se encontrava o fotógrafo diante do tema. Essa primeira realidade “[...] diz respeito à história particular do assunto independentemente da representação posto que anterior e posterior a ela, como, também, ao contexto deste assunto no momento do ato do registro” (KOSSOY, 2000, p.36).

Neste aspecto Kossoy (2000) afirma que a fotografia é a combinação das duas realidades, distintas, porém complementares. De acordo com Kossoy, a segunda realidade advém da primeira realidade, de modo que “A segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontra gravada” (KOSSOY, 2000, p. 37).

A segunda realidade é representativa de um real captado, e a percepção de ambas as realidades. Trata de um processo íntimo do fotógrafo, passa pelo repertório cultural e pessoal do sujeito, ela, como documento de um dado fato da vida, torna-se um signo expressivo, elo que faz ligação ao passado, o qual temos como referência. “É justamente a realidade da representação (veículo de memória) que será apreciada, guardada ou destruída fisicamente, interpretada enfim” (KOSSOY, 2000, p. 43). Essa realidade diz respeito a uma realidade fragmentada do assunto, e passa pelas diferentes leituras e interpretações de cada receptor em dados momentos da história. Diante disso, Kossoy conclui que: “[...] é a partir desta desmontagem, que se pode perceber, em que medida a fotografia, seja em sua produção, seja

em sua recepção, sempre dá margem a um processo de construção de realidades” (KOSSOY, 2000, p. 42).

Conforme os apontamentos antes citados, vimos que a fotografia é uma representação do mundo imaginado ou físico, é produto de um processo de criação planejado pelo fotógrafo. Segundo Kossoy, é por meio dessa construção que essa nova realidade é criada, e atua como uma espécie de máquina do tempo, a qual possibilita que determinado indivíduo volte ao passado.

2.1.3 Fotografia como memória

Partindo das afirmações anteriores de que a fotografia apresenta e representa um real reproduzido a partir de um recorte que o fotógrafo escolheu, entendemos que sua interpretação está ligada ao contexto em que foi captada, com isso, além de ser uma reprodução de dado instantâneo do real, é também memória e pode ser perpetuada. Ao trazer essas questões, Kossoy (2000, p. 132) ressalta que:

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhados no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstrução quase que intuitivo.

A fotografia carrega consigo, além de sua representação do real, um caráter de recordação, isso se deve a sua forte relação com o seu referente. A fotografia é uma espécie de reafirmação de que aquele momento existiu em uma realidade passada, as imagens podem nos levar pra longe. Nas palavras de Kossoy (1989, p. 68), “Essas imagens podem nos levar ao passado numa fração de segundos; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares”. Em geral temos uma ligação emocional com essas fotografias que, de certo modo é um meio de reconstituirmos nossa trajetória no decorrer da vida. A fotografia também atua como um meio de manter viva a chama a cerca de determinado acontecimento, registrado segundo a motivação do sujeito conforme já discutido anteriormente. Kossoy (1989, p. 69) afirma que “Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida”. A fotografia em seu âmago, significa gestos, atos e sentimentos, e, desta forma ela compõe redes

de significados que representam a lembrança pelo ato emocionado que provoca no observador.

Os artistas retratistas, Irmina Walczak e Sávio Freire (2016)³, usam a fotografia para documentar sua família como forma de conhecimento próprio. Em sua obra *Retratos pra Yayá 2016*. Eles afirmam que: “Retratos pra Yayá é mais que um livro. É um convite para ver a vida de outra forma: com menos telas e mais barros, menos compras e mais brincadeiras, menos coisas e mais sensações” (WALCZAK, 2016, p. 7). Irmina e Sávio abordam a significação que a fotografia carrega para eles “[...] buscamos criar um documento da nossa vida em família; um referencial identitário para nossos filhos Yasmin e Kajetan; uma herança imagética [...]” (WALCZAK, 2016, p. 11). A fotografia enquanto memória, é capaz de manter momentos, sejam eles bons ou ruins, eternamente presentes. O valor significativo da imagem carece da emoção que ela transmite e do poder de contar histórias.

Fotografia 2 – *Retratos pra Yayá* - 2016⁴



³ Parceiros na vida e na fotografia. Pais de dois. Sávio é brasileiro, formado em administração. Irmina é polonesa e vive no Brasil desde 2007. Ela possui doutorado em antropologia e trabalha parcialmente como pesquisadora. Em 2012 fundaram um coletivo chamado Panoptes através do qual realizam projetos pessoais e comerciais. Autores dos Retratos pra Yayá. Eles usam a fotografia para documentar sua vida familiar. Em busca constante da liberdade sua e dos seus filhos. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/>. Acesso em: 29 de nov de 2017.

⁴ Fonte: Irmina Walczak e Sávio Freire. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/portraitsforyaya/>. Acesso em: 29 de nov de 2017.

Para Irmina Walczak e Sávio, os registros cotidianos que fazem de sua família, segundo as palavras deles, tem o intuito de “criar memória para o futuro, lembranças para nós mesmos”⁵. A fotografia, quando vista para fins de recordação, se torna um resumo da memória pessoal. É importante ressaltar que o tema que permeia as fotografias de Irmina e Sávio é a liberdade, segundo eles, trata-se de: “Uma liberdade com a qual não estamos mais acostumados e da qual temos apenas uma tênua recordação” (WALCZAK, 2019, p. 7). Ambos dão a seus filhos uma infância livre da tecnologia⁶, onde podem brincar, experimentar e estimular sua imaginação.

Fotografia 3 – *Retratos pra Yayá* – 2016⁷



2.2 A Liberdade da infância

⁵ Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com>. Acesso em: 29 de nov de 2017

⁶ “A mesma tecnologia que nos permite feitos sobre-humanos também nos aprisiona, nos afastando do contato com a nossa experiência de vida no nível mais básico. Mais que isso: a tecnologia, aliada ao consumo desenfreado, tem roubado de nós coisas que nos são caras, como a infância e a convivência em família” (WALCZAK, 2016, p. 7).

⁷ Fonte: Irmina Walczak e Sávio Freire. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/portraitsforyaya/>. Acesso em: 29 de nov de 2017

A infância é a fase na qual a criança precisa ter sua liberdade para experimentar a própria força, é necessário, pois, que respeitemos a infância em seu universo. Rousseau cita em seus escritos, Dalbosco (2012 apud ROUSSEAU, 2004, p. 4):

Não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem⁸.

Rousseau defende que a criança deve ser criança, que é essencial que como adultos, as deixemos livres para brincar, errar e acertar. Para o autor, a fase da infância, bem como todas as fases da vida, deve ser vivida com toda a intensidade que lhe cabe. Nem por isso devemos eliminar do universo da criança, as dificuldades, o esforço e certas privações pois, ao fazermos isto, estaremos contaminando o mundo delas.

Dando sequência ao tema liberdade, retomamos as palavras de Walczak (2016), as quais nos lembram que “[...] no viver simples e na presença nas nossas experiências mais cotidianas, ainda podemos ser livres” (WALCZAK, 2016, p. 7). Nos registros fotográficos do cotidiano da infância de seus filhos, Irmina e Sávio mostram a intimidade vulnerável e imperfeita do ser humano.

Fotografia 4 – *Retratos pra Yayá* – 2016⁹



⁸ Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635425/3218>. Acessado em 01 de dezembro de 2017

⁹ Fonte: Irmina Walczak e Sávio Freire. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/portraitsforyaya/>. Acesso em: 29 de nov de 2017.

Fotografia 5 – *Retratos pra Yayá* – 2016¹⁰



Fotografia 6 – *Retratos pra Yayá* – 2016¹¹



¹⁰ Fonte: Irmina Walczak e Sávio Freire. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/portraitsforyaya/>. Acesso em: 29 de nov de 2017

¹¹ Fonte: Irmina Walczak e Sávio Freire. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/portraitsforyaya/>. Acesso em: 29 de nov de 2017

Em uma entrevista que deram ao Portal Photos, Irmina Walczak e Sávio Freire, ao falar de sua filha primogênita, Yasmin, afirmam da seguinte maneira: “Acreditamos que o contato com a natureza e brincadeiras, muitas delas construídas por ela mesma, são as melhores opções para a primeira infância” (PHOTOS, 2016)¹². Os retratos de Irmina e Sávio expõem o respeito ao universo infantil.

Fotografia 7 – *Retratos pra Yayá* – 2016¹³



Rousseau, mesmo que julgue importante o respeito ao mundo da criança, também alerta para o risco que se corre ao dispensarmos cuidados à sua formação. Ao se apropriar dos apontamentos de Rousseau, Dalbosco esclarece que:

¹² Fonte: <http://photos.com.br/retratos-para-yaya-um-projeto-de-amor-e-liberdade/>. Acesso em 29 de nov de 2017.

¹³ Fonte: Irmina Walczak e Sávio Freire. Disponível em: <https://www.panoptesfotografia.com/portraitsforyaya/>. Acesso em: 29 de nov de 2017

Rousseau não enfraquece o papel do adulto e, nesse sentido, o educador tem a responsabilidade de educar a vontade ainda desregrada da criança. Para lidar com essa tensão, ele pensa que é fundamental que a relação entre adulto e criança se de autonomamente. É só pela relação autônoma que a criança poderá por conta própria construir sua emancipação. Ou seja, a criança deve ser educada na liberdade. (DALBOSCO, 2012, p. 92)¹⁴

Neste sentido, é indispensável observar e estudar a criança para assim compreendermos o seu desenvolvimento. Rousseau ressalta que não devemos retirar das inocentes crianças, o prazer de um tempo tão curto que se querem poderiam abusar dele.

“Amái a infância, favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não teve alguma vez saudade dessa época, em que o riso está sempre nos lábios, e a alma está sempre em paz” (apud ROUSSEAU, 1995, p. 68)¹⁵.

A fim de que a liberdade não seja retirada, visto que a infância é um período relativamente curto e não volta mais, ao instruir uma criança, seria preciso que fosse feito de acordo com a sua natureza, para permitir que a criança desfrute desse tempo tão valioso.

2.2.1 Alain Laboile – *La Famille*

Alain Laboile¹⁶ é um artista fotógrafo que vive no campo com sua esposa e seus seis filhos, sem televisão, confortos supérfluos, ideologia ou religião. Através de suas lentes, Laboile mostra o cotidiano da infância livre de seus filhos.

Para Laboile, a fotografia foi revelada como um verdadeiro meio de contar histórias. “Grande parte de meus retratos compõe um diário íntimo do crescimento e da vida dos meus filhos” (2014 apud LABOILE)¹⁷. No dia a dia, Laboile cria um álbum familiar, o qual deu o nome de: *La Famille*, que trata de um álbum íntimo da família e, documenta a liberdade da infância entre seis irmãos. Segundo Laboile, o álbum constitui um legado que transmitirá a seus filhos. Além de ser uma representação realista de seu estilo de vida atípico.

¹⁴ Fonte: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635425/3218>. Acessado em 29 de nov de 2017

¹⁵ Fonte: <http://hdl.handle.net/10183/13277>. Acessado em 01 de dezembro de 2017

¹⁶ Nascido em 01 de maio de 1968 na Bordeaux, França, Alain Laboile, hoje Fotógrafo, através do metal forjou um universo artístico baseado na observação científica e instinto. É um fotógrafo e pai de seis filhos. Em 2004, ele adquiriu uma câmera digital para ilustrar sua atividade como escultor, o que o levou a praticar a fotografia macro como um amador, motivado pela paixão pela entomologia. Mais tarde, ele levanta seu objetivo em direção a sua família em crescimento, que se torna seu principal assunto: uma vida à beira do mundo onde a intemporalidade e a universalidade da infância se misturam. Escritos disponível em: <http://www.laboile.com/>. Acesso em 01 de dez de 2017.

¹⁷ Disponível em: <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/o-album-de-familia-de-alain-laboile/>. Acesso em 01 de dez de 2017.

Fotografia 8 – *La Famille*¹⁸

A fotografia de Laboile é simples, natural e extremamente ingênua. Laboile capta maravilhosamente a magia que envolve o seu cotidiano e o da sua família. “Meu trabalho reflete nosso modo de vida, girando em torno de sua infância. Minhas fotografias serão o testemunho disso. De certa forma, minha abordagem pode ser considerada semelhante à de um etnólogo” (2016 apud LABOILE)¹⁹. Laboile consegue captar a magia do cotidiano de seus filhos sem nenhuma interferência, isso se dá porque, sua câmera, de tão presente, se tornou praticamente invisível.

¹⁸ Fonte: Alain Laboile. Disponível em: <https://www.lensculture.com/alain-laboile/>. Acesso em: 01 de dez de 2017

¹⁹ Disponível em: <https://www.lensculture.com/articles/alain-laboile-la-famille/> Acesso em 01 de dez de 2017

O pai fotógrafo afirma que se limita a apenas observar seus filhos no dia a dia, em suas brincadeiras, curiosidades e contato com a natureza: “As crianças são criativas, só é preciso esperar que as coisas aconteçam diante da câmara e clicar” (2016 apud LABOILE)²⁰.

Fotografia 9 – *La Famille*²¹



O local onde vivem, possui um vasto terreno, com uma pequena floresta de bambú e um riacho. “Com seu olhar poético, que se vale do monocromatismo, Laboile mostra crianças

²⁰ Disponível em: <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/o-album-de-familia-de-alain-laboile/>. Acesso em 01 de dez de 2017

²¹ Fonte: Alain Laboile. Disponível em: <https://www.lensculture.com/alain-laboile/>. Acesso em: 01 de dez de 2017

que parecem estar realmente apaixonadas pela vida e a natureza que as cerca” (2016 apud LABOILE)²².

As fotografias de Laboile, tornaram-se de certo modo, um meio de comunicação, que, investiga a nudez, a liberdade, o ser e o ter. Estas características impressas pelo fotógrafo se constituem através de um simples recurso, como a utilização de muita luz natural.

Fotografia 10 – *La Famille*²³



Com o ambiente ao seu redor, rico em imagens, os flagras, expressões e composições que ele capta em sua casa, através de sua lente, vão muito além das fotografias comuns de família, estas imagens tem o poder de transmitir algo universal, que tocam por serem surpreendentemente belas e cativantes. “Apesar de ser altamente pessoal, meu trabalho também é acessível, tratando da natureza humana e permitindo que o espectador adentre meu mundo e reflita sobre sua própria infância” (2016 apud LABOILE)²⁴. Não tem como não lembrar de como era bom ser criança.

²² Disponível em: <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/o-album-de-familia-de-alain-laboile/>. Acesso em 01 de dez de 2017

²³ Fonte: Alain Laboile. Disponível em: <https://www.lensculture.com/alain-laboile/>. Acesso em: 01 de dez de 2017

²⁴ Disponível em: <https://www.lensculture.com/articles/alain-laboile-la-famille/>. Acesso em: 01 de dez de 2017

Fotografia 11 – *La Famille*²⁵



Fotografia 12 – *La Famille*²⁶



²⁵ Fonte: Alain Laboile. Disponível em: <https://www.lensculture.com/alain-laboile/>. Acesso em: 01 de dez de 2017.

²⁶ Fonte: Alain Laboile. Disponível em: <https://www.lensculture.com/alain-laboile/>. Acesso em: 01 de dez de 2017.

2.2.2 Niki Boon – *Child in The Raw*

Niko Boon²⁷, mãe e fotógrafo autodidata, mora com sua família em uma região rural da Marlborough-Nova Zelândia. Sua fotografia se concentra em sua família e em meio ao ambiente em que vivem (BOON, 2016)²⁸. Boon cresceu em uma fazenda, também na Nova Zelândia. Seu trabalho fotográfico, em partes, puxa suas aventuras e liberdades de infância, que segundo ela, até hoje permanecem fortemente enraizados em sua mente. “Uma infância que agora transmito para meus próprios filhos” (BOON, 2016)²⁹. Hoje, vivem, em um pequeno pedaço de terra, no qual Niki se esforça para replicar sua própria infância para seus filhos. Boon encontrou sua voz através de sua câmera, quando ela começou a documentar o cotidiano de sua família, da vida como ela é, nua e crua. Ela criou a série *Infância crua*, para registrar a vida de um modo diferente do que normalmente acontece, a série captura a inocência e a diversão de seus filhos longe das distrações tecnológicas.

Fotografia 13 – *Child in The Raw*³⁰



²⁷ Niki Boon mora em Marlborough, Nova Zelândia, anteriormente formada em fisioterapia. Embora a fotografia tenha sido uma paixão durante os seis anos que trabalhou como fisioterapeuta, foi apenas após ter filhos e, eventualmente, deixar seu trabalho que ela seguiu o meio fotográfico com mais foco. Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

²⁸ Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

²⁹ Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

³⁰ Fonte: Niki Boon. Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/a-sincere-place-of-freedom-1/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

Muitas das fotos da série, mostram os quatro filhos que correm ao redor de prados com animais da fazenda. Com fotografias em preto e branco, Boon documenta a vida cotidiana de seus filhos, onde podem ser vistos relaxando juntos no pátio, brincando na lama, se divertindo com brinquedos simples, atravessando rios ou brincando com animais

Boon e seu parceiro tomaram a decisão de educar seus filhos alternativamente, onde vivem em grande parte livres de dispositivos eletrônicos comuns, na sociedade moderna de hoje. “Meus filhos são alternativamente educados a viver sem TV ou dispositivos eletrônicos modernos, um estilo de vida que pode parecer pouco convencional para alguns, mas estou aqui para celebrar o lugar mágico que escolhi para viver com a minha família” (BOON, 2016)³¹.

Niki diz que, estar em meio ao ambiente selvagem é simplesmente maravilhoso. “Eu acredito que meus filhos estão bem onde eles pertencem, cobertos de lama, correndo e vivendo a natureza” (BOON, 2016)³².

Fotografia 14 – *Child in The Raw*³³



³¹ Disponível em: <https://www.lensculture.com/niki-boon/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

³² Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/a-sincere-place-of-freedom-1/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

³³ Fonte: Niki Boon. Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/a-sincere-place-of-freedom-1/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

Fotógrafa autodidata, Boon aprendeu através de cursos *online* e rigorosos estudos de livros sobre a história da fotografia, bem como fotografia contemporânea. No entanto, ela admite que aprendeu mais através de tentativa e erro.

A infância nua e crua é seu testamento à idade de vinda de seus quatro filhos. Ao tutorar eles em casa, ela evita os modos convencionais de educação, dando-lhes a preciosa liberdade de descobrir o mundo por si mesmos. Boon diz não estar interessada nos momentos fofos, rosados e sentimentais, mas aqueles que carregam a realidade. “Embora este trabalho seja profundamente pessoal, acredito que os telespectadores também poderão se conectar a algum aspecto de sua própria infância através dessas fotografias” (BOON, 2016)³⁴.

Fotografia 15 – *Child in The Raw*³⁵



Segundo Niki, ela tem poucas fotografias de si mesma quando criança, e quando sua mãe morreu sentiu que tinha perdido muitas das histórias de sua infância. Acreditando que ela não conseguia captar adequadamente as histórias sobre o crescimento de seus filhos por escrito, Boon se voltou para sua câmera, para capturar os momentos fundamentais de liberdade, inocência e solidão, em sua confusa experiência de crescer.

³⁴ Disponível em: <https://www.lensculture.com/articles/niki-boon-childhood-in-the-raw/>. Acesso em: 02 de dez de 2017.

³⁵ Fonte: Niki Boon. Disponível em: <http://www.niki boonphotos.com/a-sincere-place-of-freedom-1/>. Acesso em: 02 de dez de 2017.

“O aprendizado dos meus filhos de escolha é, a imersão total, na natureza isso significa absorver totalmente o ambiente. Tocando e sentindo tudo o que podem, aqui na natureza, isso não só é permitido, mas encorajado” (BOON, 2016)³⁶.

Fotografia 16 – *Child in The Raw*³⁷



³⁶ Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

³⁷ Fonte: Niki Boon. Disponível em: <http://www.nikiboonphotos.com/a-sincere-place-of-freedom-1/>. Acesso em: 02 de dez de 2017

Fotografia 17 – *Child in The Raw*³⁸



Conforme Boon (2016), seus filhos pertencem à natureza, livres e selvagens, conectados à terra. Segundo ela, quando se decide morar na zona rural, existe um bocado de trabalho envolvido.

Mas o trabalho é, sobretudo, o que gostamos, é ótimo para as crianças saberem de onde nossa comida vem, sobre a vida e a morte. São algumas lições de vida muito interessantes e nem sempre fáceis de aprender. Como mãe, muitas vezes me pergunto e me preocupo se o que estamos fornecendo para nossos filhos é suficiente. As imagens me ajudam a ver que meus filhos são felizes e gratos, e que sim, está sendo realmente suficiente (2016 apud BOON)³⁹.

Niki diz que a vida para ela é, uma coleção de momentos que se juntam para fazer histórias. É tudo o que temos no final, então procura fazer lembrar as histórias.

³⁸ Fonte: Niki Boon. Disponível em: <http://www.niki boonphotos.com/a-sincere-place-of-freedom-1/>. Acesso em: 02 de dez de 2017.

³⁹ Disponível em: <http://www.lookslikefilm.com/blog/10q-interview-niki-boon/>. Acesso em: 03 de dez de 2017.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com a intenção de entender um olhar voltado para imagens fotográficas que expressam a liberdade da infância.

Para entender esta possibilidade, primeiramente estudamos a ideia da fotografia como índice. Ao longo da história da fotografia, surgiram diversas teorias sobre ela, como foi possível observar ao longo deste trabalho, que o surgimento da fotografia se deu em um contexto histórico, passando por grandes transformações industriais, em meio as modificações de comunicação. A foto passa a ser percebida como uma prova da existência daquilo que foi registrado, prova de determinado momento ocorrido no tempo, fragmentado pela ação humana, que é expressão do próprio fotógrafo, sua visão de mundo.

Observamos que a fotografia como real possui realidades distintas e tempos diferentes, sendo a construção de um novo real combinando realidades opostas, mas que juntas se tornam uma unidade, carregando consigo o caráter de recordação, que nos leva a rememorar o passado. Assim os artistas selecionados para a pesquisa usaram a fotografia como forma de documentar suas próprias realidades, tanto como família quanto as realidades de seus filhos, transmitindo a emoção ao contar histórias em imagens fotográficas, que se tornaram e se tornarão memórias pessoais, que expressam a liberdade de uma infância livre da tecnologia, e estimulada pela imaginação construídas pelos próprios retratados.

As fotografias apresentadas nesta pesquisa possuem uma relação entre si, ao refletirem o cotidiano da infância livre, dos filhos dos artistas, todos com o objetivo de contar histórias que giram em torno de uma infância conectada a terra em que vivem, uma infância simples e mágica, que ocorre naturalmente diante de suas lentes. Suas fotografias investigam a nudez e a liberdade que nos surpreendem em imagens envolventes que carregam a realidade que conecta o espectador à própria imagem. A minha experiência fotográfica em uma vivência de três dias na residência dos fotógrafos artistas, Irmina Walczak e Sávio Freire, me trouxe uma maior percepção quanto a fotografia que se desprende de pose e que através de simples e ingênuos fragmentos, mostram um cotidiano narrado por meio de registros expressivos e íntimos.

A importância desse tema busca trazer uma nova estética e concepção a respeito da fotografia da infância, representando o universo infantil, permitindo que o cotidiano, o dia a dia na infância possa se transformar em objeto-imagem, ou mesmo em uma série de imagens que representam momentos únicos e espontâneos.

REFERÊNCIAS

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. Trad. Constança Egrejas. São Paulo: Editora Senac, 2009.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

WALCZACK, FREIRE. *Retratos pra Yayá*. São Paulo: Do autor, 2016.

KUBRUSLY, Caludio A. *O que é fotografia?* São Paulo: Brasiliense, 1991.